

**POR UMA LEITURA DIASPÓRICA: A MAP TO THE DOOR OF NO RETURN
– NOTES TO BELONGING” DE DIONNE BRAND**

Juliana Cristina Salvadori (UNEB)¹


Resumo: O presente trabalho elege como objeto a obra *A Map to the Door of No Return* da escritora caribenho-canadense Dionne Brand (2001). Neste, objetivamos compreender como a escrita diaspórica por parte da autora provoca o deslocamento de seus leitores demandando destes também uma leitura-tradução diaspórica. O texto de Brand (2001) é híbrido, um produto de vários cruzamentos incidindo no próprio formato da obra, que remonta simultaneamente às memórias de discursos fragmentados dos sujeitos da diáspora: é poesia, é prosa, é ensaio, é teoria a mediar as próprias experiências da autora quanto ao deslocamento, exílio e perda a partir da experiência da diáspora, percurso que o leitor precisa empreender em sua prática.

Palavras-chave: Diáspora; Deslocamento, Dionne Brand; Tradução-come-leitura

A experiência com o texto *A map to the door of no return: notes to belonging* (2001), da escritora caribenho-canadense Dionne Brand, e objeto deste artigo, concretiza-se a partir da sala de aula e de uma queixa fundante dos professores do eixo de literatura, assim como dos discentes: a dissociação entre a experiência com o texto literário e a teoria e crítica sobre este. O fato das obras de Brand ainda não apresentarem tradução para o Brasil, bem como a pouca produção acadêmica sobre estas, em terras brasileiras, incitaram-me a propor esta leitura conjunta da obra de Brand considerando-a experiência deslocante e deslocada, por isso diaspórica.

Esta proposta foi levada a cabo no componente Prática de tradução, ministrado para o sexto semestre de Letras Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, em seu Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Jacobina-BA, durante o segundo semestre de 2015, semestre este que foi interrompido por uma longa greve de três meses – meses estes em que as aproximações com o texto foi maturando. É o relato dessa experiência compartilhada de leitura-tradução que este texto aborda. Esta disciplina sucede à disciplina Tópicos de tradução, é ofertada para discentes matriculados a partir do terceiro semestre e se propõe estudar “os procedimentos teórico-práticos das formas diversas de tradução. A tradução como habilidade linguística”. A abordagem dos estudos da tradução a partir dessa perspectiva – como habilidade linguística foi uma das questões

¹ Graduada em Letras – Português/Inglês (UNESPAR), mestre em Inglês e Literatura correspondente (UFSC), doutora em Literaturas de Língua Portuguesa (PUC-Minas), professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Jacobina) e líder do Grupo de Pesquisa Desleitura em série. Contato: ju.salvadori@gmail.com.




que busquei, ao longo de Práticas de tradução, pôr em xeque, a partir das discussões do texto traduzido e sua autonomia como texto trazidas por Meschonic (2015); Berman (2000); Benjamin (2008) que fundam abordagens da prática de tradução a partir da poética e crítica da tradução – tradução como ato hermenêutico – interpretativo e criativo – porque cria na escrita e língua o texto Outro/do Outro.

Apontar a relevância dessa ênfase sobre práticas de leitura, especificamente de textos ficcionais, isto é, literários, implica, de certo modo, cair no lugar comum e apontar o aspecto formador que a literatura, como narrativa organizadora da(s) experiência(s) de um indivíduo e da sociedade no qual este se insere. É preciso, novamente, chamar a atenção para a palavra formação, conceito ao qual o ensino universitário recorre para discernir seus parâmetros de excelência em oposição a uma educação de cunho tecnicista. A palavra *Bildung*, inclusive, serve como adjetivo para uma categoria de romance, o dito de formação – aquele que acompanha a trajetória de um personagem percorrendo com ele – ou ela – suas experiências de vida. A impossibilidade de ordenar suas experiências e ancestralidade, porque sua história está marcada pela diáspora e por esses movimentos centrífugos e centrípetos no que tange ao passado e ao pertencimento espaço-geográfico, marca a obra de Brand (2001) e nossa experiência leitora – deslocados e diaspóricos, em um texto sem gênero definido (apesar da ficha catalográfica trazer a classificação autobiografia).

Brand (2001), em sua cartografia sobre as experiências de pertencimento, coloca em xeque o papel de narrativa organizadora que a literatura desempenhou ao fornecer modelos e mesmo experiências de contraste de tal modo que se pudesse pensar sobre as experiências nossas – individuais, por mais coletivas que estas sejam – nem romance de formação, nem ensaio crítico, nem poesia dão conta desse texto que se desdobra e desloca, belamente, apontando-nos, contudo, em seus fragmentos/notas, experiências dessa leitura-tradução da experiência que a autora empreende e nós acompanhamos num movimento de escritura e leitura da dispersão.

Já no próprio título Brand brinca com o pertencimento de que trata: o subtítulo de *A map to the door of no return é notes to belonging* – prestemos atenção que a autora não usa a preposição notes “*on belonging*”, cuja tradução possível seria “sobre” o pertencimento, mas “*to belonging*”, criando ambiguidade com partícula/preposição que pode indicar destino, inclusive. Nossa proposta de uma leitura diaspórica vai ao encontro




da experiência proposta pelo texto de Brand – pois compreendemos que a Diáspora Negra é o grande significante que estrutura o trabalho de Brand (2002), retomado / dispersado por outros textos seus e pelos demais significantes que metonimicamente retomam esse processo ao longo de seu texto: a porta fantasmática – cujo mapa figura sua busca; os mapas; corpos; cidades – tecidos a partir da sua memória/fragmentos narrativos.

Um dos possíveis roteiros a seguir ao longo da leitura-tradução do texto de Brand (2001) é aquele marcado pelos mapas que a autora espalha por entre seus fragmentos – apesar do título apontar um mapa (*A map*, sem especificação no artigo), as seções ao longo do texto são nomeadas como *Maps*, sempre no plural. Esses mapas, espalhados ao longo do nosso percurso-leitura, são geralmente textos curtos (mas nem sempre), que incursionam pelas memórias/experiências outras – trazendo, inclusive, outros textos para a tessitura narrativa. Podemos encontra-los nas páginas 6, 12, 16, 29, 52, 59, 85, 86, 98, 86, 98, 119, 135, 139, 142, 170, 174, 182, 212, 218, 219 – seção final, que se subdivide em 6 subseções e finaliza o texto. A seção mais longa está na página 59 e retoma outro autor – Naipul – e o tema das origens e do pertencimento. Os mapas, contudo, que funcionam como duplos/espelhamento do mapa que habita o título – um mapa para a porta – não nos conseguem guiar para a Porta que não tem retorno ou para o mapa que a indicaria, ou mesmo para a centralidade da narrativa – apostos aos demais fragmentos/seções, nos desorientam e nos afastam cada vez que a narrativa se centra, operando o movimento da tessitura narrativa que Brand (2002) opera. Este tema, contudo, está posto na epígrafe-enigma que abre o livro e que foi objeto de nossas oficinas de tradução:


There are maps to the Door of No Return. The physical door. They are well worn, gone over by cartographer after cartographer, refined from Ptolemy's Geographia to orbital photographs and magnetic field imaging satellites. But to the Door of No Return which is illuminated in the consciousness of Blacks in the Diaspora there are no maps. This door is not mere physicality. It is a spiritual location. It is also perhaps a psychic destination. Since leaving was never voluntary, return was, and still may be, an intention, however deeply buried. There is as it says no way in; no return. (BRAND, 2002).

Seguindo o conselho do rei a Alice, começamos pelo começo, pela leitura da epígrafe – o enigma posto aos discentes era de pensar seu deslocamento como leitores de outra língua e cultura e tradutores: seria a experiência do deslocamento, fundante para a autora



e intrínseca ao tradutor, compreendida pelos mesmos em sua prática como processo estruturante? De fato, foi surpreendente que para a maioria a tradução figurou como experiência instrumental – traduziram para compreender o texto (que se furtava a esta compreensão) e não leram para compreendê-lo e a partir da sua interpretação traduzi-lo – essa esquizofrenia levou a erros e incompreensões no nível frasal. Tal experiência gerou um trabalho de conclusão de curso, “TRADUÇÃO COMO DESLOCAMENTO: um estudo de caso de percursos tradutórios na obra *A Map to the Door of No Return – notes to belonging* de Dionne Brand, de Jailma da Silva Oliveira (2016), por mim orientado. Neste, detalhamos esses aspectos tendo como foco o deslocamento de suas identidades culturais dos tradutores operadas por sua prática de tradução do texto de Brand (2002). Um dos objetivos era compreender como o percurso dos discentes ao longo do curso e de seus eixos, particularmente os de língua e literatura, dialogavam para construção de uma prática tradutória crítica e reflexiva, averiguando o conceito de língua que embasa sua visão como profissionais das Letras. As conclusões deste trabalho apontaram a dificuldade dos discentes em colocar para dialogar a teoria dos estudos da tradução e sua prática: os diversos instrumentos de coleta de dados (entrevistas, protocolos de tradução, dentre outros) apontaram a incipiência dos conceitos na reflexão sobre a prática e mesmo o diálogo com a literatura e a dimensão interpretativa da tradução.


Essa fissura entre o fazer e o pensar tradução é apontada por Britto como decorrente da radicalidade com que os teóricos levam seus conceitos e a pouca aceitação que essas experiências radicais de leitura teriam perante outros leitores – essa fissura entre a teoria que prescreve e a prática que contorna as possibilidades é outro ponto de contato entre a experiência diaspórica e deslocamento que a obra de Brand nos traz. Logo em seu preâmbulo, quando inicia o texto, Brand nos apresenta a seção *A circumstantial account of a state of things* em que ela, menina, dialoga com o avô e aponta a ruptura inicial que o seu texto/tessitura tenta reencenar e remendar: essa não memória do avô sobre as origens é retomada por significantes da ordem da ruptura que o texto circula e replica: *tear*; *rupture*; *fissure* são sinônimos na cadeia de significantes que abrem esse preâmbulo e são constantemente retomados ao longo do texto, trazendo consigo a questão que Brand nos coloca no cerne da sua escrita: o jogo entre pertencimento e não pertencimento, *belonging and unbelonging* que marcam a trajetória em busca desse mapa para a porta (ou portal) do não retorno – memória interditada.



Essa memória, contudo, retorna fantasmática e fragmentada ao longo do seu texto, negando-se a tornar narrativa organizada e organizadora. Esse retorno se dá por meio de pequenos fragmentos narrativos incrustados ao longo das memórias da autora, seus deslocamentos, ensaios e críticas: *Captive and inhabitants*, por exemplo, trata do corpo negro, outro dos significantes da diáspora e da ruptura; *Pray for a life without no narratives*, ironicamente, aponta para as narrativas como eventos negativamente marcados – melhor era não ter o que contar; *Finding a compass* retoma o significante posto pelos mapas – de que servem tantos mapas sem um compasso/bússola – falta o que nos possa guiar nessa trajetória que, nessa seção, é marcada não pelo espaço, mas pelo tempo: as 4:45 am, isto é, da madrugada, a autora, em diversos lugares e tempos, acorda e marca(se) – estou aqui.

Essas várias e possíveis trajetórias postas em cena pela cartografia que Brand (2001) se propõe a traçar são apontas nos peritextos que ocupam esta edição do livro : a bela capa, com mapas ancestrais, traçando nomes não mais usados por terras para as quais não mais se retorna – são outras; o aviso sobre o texto – “pode-se abrir e começar a ler a partir de qualquer lugar” que nos indica o trajeto que o leitor pode tomar – são sempre vários; e a própria finalização do livro que termina com uma sucinta e pouco ilustrativa nota sobre a autora (*A note on the author*) – este é o final do texto/livro: o que mais dizer sobre si, desafia-nos Brand.

A ideia proposta pelo projeto aplicado neste componente, como descrita sucintamente, foi a de retomar as experiências dos sujeitos leitores de forma a repensarem suas práticas de leitura de modo a instigá-los a se apropriar do texto proposto, a reescrevê-lo, via interpretação, pensando a prática da tradução a partir do seu aspecto criativo – na língua, na cultura e no texto Outro/do Outro. Podemos dizer que em parte essa experiência foi bem sucedida no sentido de que o texto de Brand desafiou as propostas de tradução trazidas à baila em nossas oficinas em sala e mesmo o local da cultura, para plagiar Bhabha: interessantemente, foi identificado como uma das dificuldades, pelos discentes, os aspectos culturais postos pela autora quando cita festas típicas, máscaras – essas questões acabaram, contudo, por levar a discussões acerca de possíveis e várias dicções da obra de Brand, que ora dialoga com a tradição narrativa do romance, escrita, ora retoma tradição oral e poética. Essa experiência, portanto, propôs-se tratar do texto contemporâneo, vivo e pulsante, não somente porque essas se afiguram, em um primeiro



momento, como obras herméticas ou difíceis, mas, principalmente, porque essas partem de outros pressupostos – narrativos, teóricos etc. – que caminham no sentido de uma metaliteratura, metacrítica, sofisticando suas estratégias e, desse modo, exigindo do leitor que sofisticue suas práticas de leitura e entrada no texto – que produza e crie com e no texto, tornando a tradução, portanto, operação primeira da experiência com o texto literário.

Referências bibliográficas

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática* – 5. ed. – São Paulo: Ática, 2007.

BASSNETT, Susan, TRIVEDI, Harish. “Introduction: of colonies, cannibals and vernaculars”. In: **Post-colonial translation: theory & practice**. New York: Routledge, 2002, p. 01-19.


BENJAMIN, Walter. “*A tarefa do tradutor*”; tradução Fernando Camacho. Organizadora Lucia Castello Branco - Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

BERMAN, Antoine. “Translation and the trials of the foreign”. Translated by Lawrence Venuti. In: **Translations studies reader**. London: Routledge, 2000. P. 284-297.

BERND, Zilé. Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade, [S. l.], n. 23, p. 211-222, **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, 2013.

BRAND, Dionne. *A map to the door of no return – notes to belonging*. Canada: Vintage, 2001, p. 119-135.

Desleitura em série: da tradução como transcrição, adaptação, refração, diáspora. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1792517921828602>>. Acesso em 23 maio 2016.



JAKOBSON, Roman. “On Linguistic Aspects of Translation”. In: **Translations studies reader**. London: Routledge, 2000. P. 113-118.

MAGALHÃES, Célia. *Tradução e Transculturação: A teoria monstruosa de Haroldo de Campos*. [S. l.], n.3, v. 1, p. 139-156, **Cadernos de Tradução**, ISSN 2175-7968, Florianópolis, Brasil, 1998.

MESCHONNIC, H. *Poética do traduzir, não tradutologia*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/poeticadotraduzir-site.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. – 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. – (Acadêmica; 16).

PAES, João Paulo. *Tradução a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. - São Paulo: Editora Ática S.A. 1990.

PAZ, Octavio. *Tradução: literatura e literalidade*; tradução Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

VENUTI, L. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*; tradução Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo; revisão Stella Tagnin. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2004. p. 397-416. p. 468-488.